

ENSINO DE MÚSICA: DE ELEMENTOS CONCEITUAIS À APRENDIZAGEM MUSICAL SIGNIFICATIVA

Rodrigo Cavalcante da Silva
UFMT
rodrigoteclads@gmail.com

Taís Helena Palhares
UFMT
taishelenap@gmail.com

Resumo: O presente trabalho busca colocar em discussão o ensino da música e suas possibilidades, abordando como o ensino aprendizagem deve ocorrer para que se torne realmente significativo para quem tem contato com a música e seus elementos. Também este trabalho vem fazer apontamentos sobre duas possibilidades comuns de aprendizagem musical, uma somente conceitual, onde os elementos e conceitos musicais são ensinados aos alunos de forma isolada, sem relaciona-los e/ou vivencia-los dentro de um contexto musical prático, e a outra, onde o ensino da música acontece a partir da vivência desses conceitos, e os tornam significativos para o indivíduo a partir da vivência musical. A discussão também envolve o trabalho que está sendo realizado com crianças de 04 a 06 anos de idade, alunos do curso de extensão “Música com Bebês” oferecido pelo Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso e foi estabelecida a partir do texto “O Som e a Forma – Do gesto ao Valor” da autora Cecília Cavaliere França, que é um dos capítulos do livro “Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula” que é organizado por Liane Hentschke e Luciana Del Bem, e enriquecida por outras bibliográficas.

Palavras-chave: Ensino de música. Extensão Universitária. Aprendizagem significativa.

1. Introdução

A função do ensino de música vai muito além do âmbito musical na vida de um indivíduo. Sua contribuição está ligada ao desenvolvimento em todos os aspectos da vida de uma pessoa, pois, além de nos comunicar gestos expressivos, interagimos com a música reconhecendo nela “o fluir e pulsar da existência humana” (BUENO; BUENO, 2009, p.8431), ou seja, a música e seu aprendizado irão proporcionar conhecimentos que certamente, irão promover o desenvolvimento motor, sensorial, social, disciplinar, dentre muitos outros. Assim, a autora Cecília Cavaliere França aponta que, “a musica oferece uma variedade de objetos simbólicos de pensamento. São janelas

que podem expandir nosso universo interior e refinar nossa percepção crítica do universo que nos rodeia” (FRANÇA, 2003, p.49).

Portanto a música e as artes têm papel importante na formação integral do indivíduo, pois, “as artes desempenham um papel relevante, tanto quanto a matemática, as ciências ou a linguagem, contribuindo de forma decisiva para desenvolver as múltiplas potencialidades do ser” (Eisner apud FRANÇA, 2003, p.50). Consequentemente, a educação musical quer seja no ensino informal como no ensino formal, em escolas e conservatórios de música especializados, projetos sociais, ou mesmo na educação básica, tem em sua essência uma função de suma importância para quem tem a oportunidade de vivenciá-la. “Neste sentido, o ensino das artes contribuiria para que houvesse o resgate da capacidade do homem de criar um sentido pessoal que oriente sua ação no mundo” (COUTO; SANTOS, 2009, p.115).

Em qualquer uma dessas situações do ensino musical (formal e/ou informal), o objetivo principal deve ser possibilitar o aprendizado e as descobertas que a música pode proporcionar em sua totalidade. Segundo França, “Na educação musical temos o privilégio de promover o fascínio da descoberta, o desenvolvimento intelectual e a individualidade da apreensão simbólica da música” (FRANÇA, 2003, p.49). Neste contexto “a música favoreceria a integração e a socialização através das trocas de experiência que o educador terá que favorecer” (COUTO; SANTOS, 2009, p.119). E quanto mais cedo o indivíduo começar esta experiência com o ensino musical, mais chances de desenvolver esta capacidade ele terá. E a procura por situações onde se dá o ensino de música, seja em escolas especializadas, em projetos e cursos de longa ou curta duração, aumenta significativamente, independentemente da idade dos alunos envolvidos. Na Universidade Federal de Mato Grosso, por exemplo, as turmas dos cursos de extensão oferecidos aumentam a cada ano devido à grande procura. Tem aumentado também a procura de cursos que atendam crianças pequenas e, mais recentemente, que atendam bebês.

No início de 2015, foi criado um projeto de extensão pela Universidade Federal de Mato Grosso oferecendo um curso de musicalização com bebês. Este curso contava com a participação da professora coordenadora, de um professor vice coordenador e de 02 bolsistas, alunas do curso de graduação em Música – Licenciatura e Bacharelado. Em 2016, devido à grande procura, 04 alunos do curso de graduação estão atuando, além da professora coordenadora.

É importante ressaltar que muitas pessoas, quando ouvem falar em educação musical para bebês, pensam em utilização de um repertório vocal constituído de canções de ninar, cantado no registro agudo, de preferência por uma voz feminina, e com arranjos instrumentais simples, por acharem que é assim que a educação musical será significativa para estes bebês. No entanto, quem vivencia o cotidiano de um bebê e/ou trabalha com a educação musical destes pequenos seres sabe que não é bem assim que ocorre. De forma alguma o bebê é um ser passivo, ele participa do processo de educação musical (formal ou informal), possui as suas preferências, reproduz e produz música. E a aprendizagem pode ser significativa para eles no sentido que os conhecimentos adquiridos irão se relacionar com o conhecimento que já adquiriram.

Vários estudiosos (Ilari, 2006; Beyer, 2005; Tafuri, 2000; Tafuri e Villa, 2002) investigaram e continuam investigando o desenvolvimento cognitivo-musical dos bebês, concentrando-se nas preferências, produções e reproduções musicais dos mesmos, bem como no desenvolvimento cognitivo-musical. Outros pesquisadores, como apontado por Ilari (2006) têm se preocupado com a questão, desenvolvendo pesquisas que abranjam todos os aspectos musicais. Todas estas pesquisas contribuem enormemente para o estudo e estruturação de diretrizes para a educação musical envolvendo bebês na medida em que orientam na escolha de conteúdos, repertórios e metodologias.

Um estudioso que se dedica bastante na questão de como as crianças aprendem é Gordon (1997). Este autor procurou estabelecer uma estrutura de competências musicais, explicando como as crianças aprendem música e fornecendo informações de como a música deve ser ensinada (FREIRE e SILVA, 2005). Gordon (1997) também discute a polêmica questão sobre a aptidão musical ser inata ou adquirida e sobre o processo de Audição que, segundo ele, permeia todo o aprendizado musical.

Apoiando-se nestas pesquisas, além de outras, a equipe pedagógica do curso de extensão “Musicalização com Bebês”, prepara as atividades que serão trabalhadas com as crianças, para que os conteúdos sejam significativos para eles e, ao mesmo tempo, prazerosos.

Ensino da música: Conceitos teóricos ou vivência significativa

Se tratando do ensino de música, quer seja ele musicalização, aulas em grupo como prática coral, teoria musical, percepção musical, harmonia, ou aula de instrumentos em grupo ou

individual, é importante que se tenha uma ideia e objetivos concretos direcionados à vivência e à percepção dos conceitos e/ou conteúdos musicais, para que o aprendizado tenha sentido simbólico, e não apenas conceitual em qualquer que seja o contexto em que esse ensino de música aconteça.

Martins adverte para que tentativas de explicar a percepção a partir do conceito, ao invés da própria percepção deste conceito, não evoluam em um significado musical, o que transforma o estudo de música numa atividade pseudoteórica, estéril e antimusical. (MARTINS, 1985 apud COUTO E SANTOS, 2009, p. 114).

É importante que o objetivo do educador musical, seja que os conceitos e conteúdos ensinados façam sentido simbólico para os alunos, e não sejam apenas conceitos isolados apreendidos de forma alheia ao contexto musical. Em outras palavras, é necessário que os conceitos musicais não sejam apenas apreendidos isoladamente, mas sim vivenciados em eventos musicais e aplicados em repertórios.

Estudar e ouvir intervalos, acordes e contrapontos e não penetrar na vida das obras de arte, onde esses elementos ganham vida, é como se contentar em apreciar uma borboleta morta em um quadro na parede. Treinam-se padrões rítmicos e melódicos, abstrações e conceitos, mas raramente se vai além da exploração material e isolada desses elementos (FRANÇA, 2003, p.53).

E esta vivência dos conceitos musicais, se praticada desde a mais tenra idade, torna-se conhecimento extremamente consolidado. Em seu texto “O som e a forma – Do gesto ao valor”, França, ao relatar sua experiência com o ensino formal da música, expressa uma grande frustração com um ensino baseado na teoria e sem relação com a prática.

O que era antes vitalidade, fluidez e movimento converteu-se em armaduras, teorias e marcações metronômicas. Momentos ricos em sonoridades e descobertas cederam lugar a disciplinas, datas e fatos. A síncope perdeu um tanto da sua graça quando deixou de ser um instante em que se flutua sobre os apoios para ser “tempo Fraco prolongado”, etc. (FRANÇA, 2003, p.48).

Essas situações onde o ensino de música é realizado simplesmente com conceitos isolados sendo trabalhados separadamente de um contexto musical, onde os alunos não relacionam e principalmente, não vivenciam diretamente esses conteúdos, é recorrente e, durante muito tempo foi utilizado pelos conservatórios e escolas de música (europeus e também brasileiros) que visavam o ensino tecnicista de instrumentos, e infelizmente, ainda tem acontecido nesses contextos. Desta forma, aulas de música para crianças de 03 anos de idade, por exemplo, podem

se tornar totalmente sem sentido se as crianças forem estimuladas a somente imitar certos ritmos e melodias sem qualquer ligação com a sua prática diária.

Escalas, exercícios, arpejos e grafia musical estudados exaustivamente, fora de um contexto musical e sem a percepção sonora dos mesmos, prejudicam a compreensão adequada destes elementos e, sem a compreensão, a aprendizagem não se torna significativa. Esse tipo de ensino é visto muitas vezes quando nos deparamos com relatos de estudos de um instrumento baseado em métodos fechados, que em sua grande maioria tem um enfoque no desenvolvimento da técnica do instrumento. Estudar quer seja escalas ou arpejos durante horas por dia sem de fato relacionar esses elementos ao fazer musical seja na composição, apreciação ou na improvisação, não irá levar alguém a de fato vivenciar musicalmente esses elementos que fazem parte da música. Grafar um som pode ser uma experiência prazerosa se o mesmo for percebido e/ou entendido, ou seja, o som deve ser vivido por quem quer escrevê-lo.

O que são escalas? Padrões de tom-tom-semitom ou simplesmente sequências de dedilhados? Pergunte-se a Shumann o que é uma escala e ele lhe oferecerá a vitalidade do terceiro movimento do Quinteto em Mi Bemol Maior; Tchaikovsky a resignação do final do primeiro movimento da Sinfonia nº 6 e Arvo Part; a transcendência do Cantus in Memory of Benjamin Britten. Nessas, como em outras tantas obras, escalas ganham impulso vital e revestem-se de humores, falando de coisas que não são elas próprias. (FRANÇA, 2003, p.49).

Neste sentido, cabe ao educador musical atentar para o seu objetivo primordial ao desenvolver os conteúdos e conceitos musicais, pois eles precisam contribuir para uma formação integral do indivíduo, e não simplesmente ser um novo conceito apreendido, que não poderá ser aplicado no cotidiano musical, e nem ter o seu real simbolismo contextual compreendido de fato. Portanto “Pelas diversas formas simbólicas e seus inesgotáveis produtos, questionamentos, significados, teorias e práticas, interagimos com o mundo e nos tornamos humanos” (Oakeshott apud FRANÇA, 2003, p.50). Seguindo nesta mesma linha, entenderemos que independente do contexto em que essa educação musical aconteça, “A música se torna, uma importante fonte de significados tanto no nível psicológico individual quanto no coletivo” (Swanwick apud FRANÇA, 2003, p.51).

No curso de extensão “Música com Bebês” oferecido pelo Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, a grafia está sendo introduzida na turma de crianças entre

04 e 06 anos¹. Nas aulas, as crianças são solicitadas a desenharem determinados sons da forma como elas os percebem. Em outros momentos, são convidadas a reproduzirem um som desenhado em cartões. A partir da grafia e da execução, a equipe pedagógica está elaborando categorias de análise para estabelecer uma discussão em torno das mesmas.

Como exemplo, em uma determinada aula, foi solicitado às crianças que desenhassem um som grave e um som agudo e cada uma delas grafou da forma que percebeu estes sons. Fato curioso foi que a maioria das crianças grafou o som grave como sendo grande em tamanho (traços, círculos, entre outros) e o som agudo como sendo pequeno em tamanho. De qualquer forma, as crianças utilizaram gizes de cera e papel branco para expressar o que determinados sons representam para elas. As grafias estão sendo estudadas e analisadas pela equipe pedagógica do projeto.

3. Considerações Finais

Que a música é de fato importante para o desenvolvimento do indivíduo em todos os aspectos citados anteriormente (motor, sensorial, social, disciplinar, dentre muitos outros), não há mais o que se discutir, pois,

a música é uma das formas de expressão mais antiga. Ela toca profundamente o nosso ser, e nos transmite uma série de sentimentos. Devido a sua importância, as habilidades musicais foram transmitidas de pessoa para pessoa desde épocas remotas, iniciando-se assim o ensino da música (BUENO; BUENO, 2009, p.8431).

Neste sentido, “É difícil pensar na história da humanidade sem a música, pois esta sempre esteve presente de alguma forma influenciando e fluindo do homem como fenômeno físico e psicológico” (MARTINS, 2014, p. 3), e também, “a música exerce uma influência no ser humano tanto por sua condição de vibração sonora (fisiológica), quanto por seu caráter de influência no estado de ânimo das pessoas” (MARTINS, 2014, p.3).

Portanto a importância da música na vida do indivíduo é incontestável, o que devemos questionar é a forma como o ensino da música acontece, qual o real objetivo dessa aprendizagem gerada através da música e principalmente, se o que se aprende em uma aula de música é de fato

¹ O curso possui seis turmas: duas turmas com bebês entre 08 meses a 02 anos (turma 1); duas turmas com crianças de 02 a 04 anos (turma 2); e duas turmas com crianças entre 04 e 06 anos (turma 3).

significativo para quem a estuda. Estudar elementos da música sem vivencia-los na prática não tornará esses elementos realmente significativos, pois serão apenas elementos ou conceitos aprendidos isoladamente. Da mesma forma a aprendizagem da grafia deve ser significativa para as crianças. A partir do momento que o educador oferece a oportunidade para a criança escrever da forma como percebeu, ele está contribuindo para que a aprendizagem da grafia seja significativa para aquela criança.

Referências:

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: Propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BUENO, Paula Alexandra Reis; BUENO, Roberto Eduardo. **Uma Proposta Metodológica Para se Ensinar Música Musicalmente**. Paraná: Pucpr, 2009.

COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. Porque vamos ensinar música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da educação musical escolar. *Opus*, Goiânia, v.15, n. I. 2009. p.110-125.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. Raymond Murray Schafer: O educador musical em um mundo em mudança. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibepe, 2011.p.275-303.

FRANÇA, Cecília C. "O som e a forma, do gesto ao valor." *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna(2003): 48-61.

ILARI, Beatriz. Shinichi Suzuki: A educação do talento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibepe, 2011.p. 185-217.

MATEIRO, Teresa. John Paynter: A música criativa nas escolas. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibepe, 2011.p. 243-272.

MARTINS, Erlene Teixeira de Lima. A Música na Escola. **ENSAIOS PEDAGÓGICOS-Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET**. Curitiba, 2009.

SCHAFFER, Murray. **O Ouvido Pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.